



## **A Construção do Legado dos Jogos Pan-Americanos Rio 2007 na Imprensa e a Formação de um Conceito Midiático para Megaeventos no Brasil<sup>1</sup>**

Anderson Gurgel<sup>2</sup>

Universidade de Santo Amaro  
Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação

### **Resumo**

Neste artigo, pretendemos mostrar a evolução da cobertura jornalística dos Jogos Pan-Americanos no que se refere ao impacto sócio-econômico. A idéia é entender a evolução da construção do conceito de legado a partir de alguns dos principais jornais e revistas da mídia paulistana e carioca, tendo-se como escopo desde a divulgação da escolha do Rio de Janeiro como cidade-sede até as reportagens mais tardias, divulgadas já depois de meses do término do evento. O que se percebe é que, ainda que com limitações de ordem organizacional, o evento ajudou a construir um sentido para o conceito de legado e megaevento esportivo na sociedade atual e, com isso, tem particular influência na cobertura jornalística da escolha do país para sede da Copa do Mundo de 2014 e possibilidades para a Olimpíada de 2016.

**Palavras-chave:** Jogos Pan-americanos Rio 2007; megaeventos; economia do esporte; legado; jornalismo

### **1. Alguns Conceitos: teorias e mídias**

Os Jogos Pan-americanos Rio 2007 já fazem parte da história do esporte brasileiro. Com todos os pontos positivos e negativos encontrados na realização destes jogos, o Pan 2007 impõe-se inegavelmente como a grade referência nacional em organização de grandes eventos esportivos ou megaeventos, como alguns pesquisadores estão chamando agora. É importante lembrar que, antes dessa competição, as últimas atividades desportivas de porte, realizadas em solo nacional, foram a Copa do Mundo de Futebol, em 1950, e o Pan-americano de São Paulo, em 1963.

Por isso, como o maior evento esportivo do continente americano, o Pan realizado na cidade do Rio de Janeiro, em 2007, permite a realização de estudos sob vários aspectos, entre eles, sobre resultados e performances, avanços e retrocessos nas

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado na NP Comunicação Científica, do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup>Anderson Gurgel é jornalista, mestre em Comunicação e Semiótica (PUC-SP) e pesquisador das relações entre o jornalismo e economia do esporte. Além de autor do livro *Futebol S/A: A Economia em Campo*, lançado em 2006 e de outros artigos, atua como coordenador dos cursos de Jornalismo e Rádio e TV na Universidade de Santo Amaro (Unisa), de São Paulo e leciona na Faculdade Paulus de Tecnologia (Fapcom). O seu e-mail de contato é [andersongurgel@uol.com.br](mailto:andersongurgel@uol.com.br)



políticas esportivas, entre outros. Contudo, para fins do que se busca alcançar neste artigo, pretendemos discutir mais centralmente o papel do jornalismo impresso na construção de um sentido para o conceito de legado para os megaeventos esportivos, a partir da experiência nacional com a realização desse grande encontro desportivo continental.

Ainda que não seja possível um aprofundamento ideal, tentaremos iniciar algumas reflexões para mostrar que, entre essas heranças, está também a produção de sentido de organização esportiva, gerando parâmetros inclusive para a projeção de novas competições, com a já confirmada Copa do Mundo de Futebol de 2014, a ser realizada no Brasil. O evento carioca ainda é referência nos discursos que buscam legitimar a candidatura brasileira à sede dos Jogos Olímpicos de 2016.

Antes de avançarmos sobre uma conceituação mínima sobre megaeventos esportivos e legados, à luz das novas diretrizes do Comitê Olímpico Internacional, vamos fazer uma breve apresentação de algumas ferramentas de comunicação que permitem gerar as aproximações necessárias entre o universo do Jornalismo, notadamente o realizado na mídia impressa, com o das ciências de linguagem que permitem entender como a mídia impressa é fundamental na construção de valores e imaginários no espaço público midiático da sociedade atual.

Por isso podemos, ainda que brevemente, apontar que dar conta do que foi proposto aqui implica, inevitavelmente, em aprofundar os estudos sobre como a mídia de massa<sup>3</sup> cobriu o evento e qual é “esboço histórico” ou, melhor, a produção de sentido que gerada sobre o Pan Rio 2007. Partimos aqui da teoria de que o trabalho desenvolvido pelo jornalismo é como um “esboço da história”, uma primeira versão dos fatos que, a posteriori, serão refletidos e re-significados pelos historiadores.

Além do papel na construção da história, esse relato midiático de um evento também é importante na produção da opinião pública sobre ele, ou melhor, na produção do sentido sobre o que foi o evento para o público geral. Para Landowski (1992:10-11), diferentemente do que se defende em escolas de jornalismo, os veículos de comunicação constroem a “realidade” a partir de interações com seus públicos no plano do discurso e é justamente daí que se dá o sentido das coisas do mundo, através da mídia. A importância disso, no caso deste artigo, está na constatação de que o que saiu

---

<sup>3</sup> Mídia de Massa aqui entendida como o conjunto de veículos de comunicação de amplo alcance e que envolve os principais jornais, veículos de TV, rádio e Internet. Contudo, ressaltamos que o objeto deste *paper* é o jornalismo impresso, notadamente jornais e revistas.



no jornal ganhou ares de “verdade” sobre a realidade dos Jogos Pan-americanos, ou seja, gerou a realidade construída na mídia, como já apontamos.

Cabe ainda acrescentar que, para o recorte proposto aqui, vamos trabalhar com um conceito mínimo sobre economia do esporte, importante para entender a discussão de legados. O modelo escolhido é o do pesquisador Heinemann (2001) e que analisa atividades esportivas da população e dos grandes eventos, como é o caso do Rio 2007. Dentro desses dois parâmetros, o conceito ainda permite trabalhar com valor econômico de oferta e de demanda; importações e exportações, mercado de trabalho e efeitos externos<sup>4</sup>. Os estudos dos impactos econômicos do esporte são uma preocupação que crescem junto com a evolução dos esportes como espetáculo e negócio. E, defendemos aqui, são elementos cada vez mais balizadores dos enfoques temáticos nas pautas do esporte, hibridizando as mesmas com a pautas de economia (GURGEL, 2006).

Daí que, na proposta deste artigo, enfatizaremos essa visão mais ampla do legado do Pan, em detrimento da preocupação central nos “resultados esportivos”, formato clássico do jornalismo esportivo. Ainda em acréscimo ao que já foi mostrado, também fazemos uma breve introdução dos conceitos de megaeventos esportivos e de legado. Como revela Poynter, citando o pesquisador Preuss<sup>5</sup>, em um estudo do London East Research Institute<sup>6</sup>, de março de 2006 (p.13-4), esse

“conceito de ‘legado’ decorrente de importantes megaeventos esportivos está agora firmemente focado em resultados não-esportivos como importante fonte de legitimidade para receber os Jogos (...) as cidades proponentes têm aliado suas propostas a estratégias de desenvolvimento econômico e regeneração que tendem refletir a natureza relativamente dinâmica de suas economias regionais e nacionais (Seul, Beijing) ou a relativa falta de dinamismo de suas economias (Barcelona, Atlanta, Sydney, Atenas e Londres). Este último grupo composto na maioria por cidades “ocidentais” que utilizaram a candidatura como uma tentativa de ‘catalisar’ a regeneração local através da expansão de serviços com base em indústrias voltadas ao consumo (...) desde os Jogos Olímpicos de 1992 em Barcelona, cidades, têm usado os Jogos como catalisadores de regeneração e confiado fortemente em diferentes formas de intervenções estatais para se promoverem como cidades globais (...)”.

Por fim, cabe também informar que optamos também por um olhar qualitativo sobre a cobertura do Pan Rio 2007, destacando documentos jornalísticos fundamentais

---

<sup>4</sup> Para uma análise mais detalhada dos conceitos de Heinemann, veja o livro: Gurgel, 2006: 97-108.

<sup>5</sup> Holger Preuss, professor da Universidade de Mainz, Alemanha, é uma das maiores autoridades do mundo em estudos sobre megaeventos e legado esportivo.

<sup>6</sup> O artigo foi traduzido no Brasil no contexto de preparação para o Seminário sobre Megaeventos e Legados, realizado no Rio de Janeiro, em maio de 2008. Texto integral consultado em 30/05/2008. Veja material in: [http://www.confef.org.br/arquivos/texto\\_introducao\\_seminario\\_megaeventos.pdf](http://www.confef.org.br/arquivos/texto_introducao_seminario_megaeventos.pdf)



para resgatar o caminho feito pela mídia impressa. De início podemos já apontar que permeia a construção da organização e do legado do Rio 2007 um embate discursivo-midiático entre uma versão “entusiasmada” e a “pessimista” do que ia ser, antes, e do que foi, depois, o evento em questão. Esse olhar ora positivo ora negativo, inclusive, extravasa a cobertura desse evento e contamina também o acompanhamento dos fatos relacionados à definição de país-sede da Copa de 2014 e das cidades finalistas para a escolha da sede dos Jogos Olímpicos de 2016.

## **2. Primeiras reportagens: a euforia e preocupação iniciais**

Os XV Jogos Pan-americanos foram definidos em 2002. Naquela ocasião estavam em disputa algumas candidatas, mas a cidade norte-americana de Santo Antonio, localizada no Estado do Texas era tida como a favorita. No dia da realização da definição da cidade-sede, 24/08/2002, *O Globo* questiona, temeroso: “Vai dar zebra no Pan?”. Na reportagem, o jornal explica que, como a cidade de Santo Antônio era a favorita, a escolha da cidade do Rio de Janeiro seria “uma façanha já que jamais uma cidade dos Estados Unidos perdeu tal disputa”. Pois foi o que aconteceu.

No dia seguinte, a *Folha de S.Paulo* destaca na capa do caderno de esportes: “Pan-2007 será no Rio – Após 39 anos, país garante a organização de um evento esportivo de porte, primeiro passo para realizar seu projeto olímpico em 2012”. O que é interessante, nesse momento, é que a realização do Pan já era vista como um trampolim para uma busca ainda maior, que é a de fazer da cidade (e do País, por consequência) uma sede olímpica. O texto, ainda, enumera série de derrotas do país como sede a importantes eventos mundiais, destacando uma campanha célebre que foi a Rio 2004, Olimpíada que, de fato, acabou ocorrendo em Atenas.

Ainda no dia 25/08/02, apesar de dar menos destaque ao tema, a *Folha* apontava que “o Pan-americano no Rio de 2007 no Rio está (estava) orçado em cerca de US\$ 178 milhões”. Contudo, um boxê da página complementar da cobertura já indicava: “Prefeito e COB divergem sobre o orçamento”. Nesse outro texto, surge a informação: “o prefeito do Rio, César Maia (PFL-RJ) anunciou a formação de um fundo de US\$ 300 milhões para financiar a realização dos Jogos em 2007”. O interessante do caso é que, desde o início os valores necessários para realizar a transformação proposta à Organização Desportiva Pan-americana (Odepa) já se mostravam contraditórios.

Nos primeiros anos após a definição, as poucas reportagens que abordavam o assunto eram mais focadas no otimismo com a conquista e até com uma certa



empolgação com o feito. Um exemplo desse entusiasmo inicial: Em 01/09/2002, *O Globo* destaca, na capa do Caderno Boa Chance: “Preparando-se para 2007 – Desde já, Jogos Pan-americanos começam a criar oportunidades de trabalho e de negócios”. O texto aponta taxativamente “é preciso se qualificar, desde já, para estar nos bastidores desse campeonato”. E, dentro dessa visão, indica no lide: “Designers, engenheiros e arquitetos são os primeiros a serem convocados para os Jogos Pan-americanos de 2007 no Rio. Depois, será a vez dos operários da construção civil. Bem adiante, durante os jogos e por três meses antes, cinco mil profissionais de diferentes formações (...)”.

Mas o passar do tempo vai trazendo outras pautas para a cobertura do Pan. Uma fase de impulso para o assunto deu-se a partir da aproximação das Olimpíadas de Atenas, em 2004. Ainda no ano olímpico, a *Folha*, de 03/09/2004, traz na capa do Caderno Folha Esporte sinais dos primeiros problemas na organização – com impacto, obviamente, no legado que viria a ser deixado pelo evento: “‘Inviável’, Vila do Pan-07 encolhe e está ameaçada”. Na linha complementar ao título a explicação: “Caixa (Econômica Federal) diz que construtora não tem lastro, projeto é reduzido em 25% e TCU se queixa de ‘desorganização’”.

Em 16/10/04, a *Folha* sentencia: “Metrô não sairá do papel, e Rio-07 vai andar de ônibus”. Um aspecto relevante desse texto é que já no lide há uma remissão direta ao conceito que perseguimos neste artigo: “Um dos principais ‘legados’ do Pan-Americano de 2007 para os cariocas não vai sair do papel. A mil dias dos Jogos, o secretário municipal de Transportes do Rio, Arolde de Oliveira, admitiu ontem que o Transpan não estará pronto até o início da competição”. Na mesma reportagem explica-se que o Transpan seria “um metrô de superfície que ligaria a Barra da Tijuca, bairro principal dos Jogos, aos aeroportos da cidade”.

Começam a surgir pautas que defendem que o projeto proposto estava se distanciando da realidade da organização do evento. Ainda em 2005, no dia 01/05, a *Folha* aborda: “Pan refaz a conta e pede ao governo aumento de 176%”. Naquela ocasião, o jornal afirmava: “Administração Federal promove devassa antes de o Ministério do Esporte responder se vai elevar sua parcela de orçamento da competição”. Desenha-se, a partir de então, a entrada como ator-fundamental do Governo Federal no evento.

Com o passar dos meses, os custos do evento mais que quadruplicaram e as obras entraram em um ritmo frenético para ficarem prontas antes do início da competição. Muito da cobertura midiática do Pan passou a ser uma contagem regressiva



para o começo dos jogos, na contraposição com o andamento das obras. Com isso, surgiram duas linhas de pauta, aqui esquematicamente reduzidas a “será que ficará pronto a tempo?” e “afinal qual será o legado deixado por tão grande investimento?”. Em 08/02/2006, *O Estado de S.Paulo* retrata um momento da organização do evento: “Tudo atrasado. Mas Nuzman<sup>7</sup> confia”. O texto comenta que “os dirigentes afirmam que os contratemplos eram previstos e que “as obras estarão prontas dentro do prazo”.

No mesmo ano, em 28/02/2006, a *Folha* registrava a contagem regressiva para o evento e lembrava em chamada de capa: “Rio tem só 500 dias para o Pan”. A mesma reportagem trazia na linha fina: “Com atrasos e escalada nos custos, responsáveis ainda não sabem que evento vão conseguir fazer”. Em 05/03/2006, o Caderno Especial Pan 2007, produzido pelo *Estado* pergunta: “Que herança o Pan deixará para o País?”. A reportagem comenta que “apesar do custo de R\$ 5 bilhões (...) não há nenhuma estratégia definida de uso das instalações e equipamentos do vento para projetos de inclusão social após as competições”. E ao fim do texto: “A quatro meses do início do evento, o legado dos Jogos ainda é incógnita”.

O estouro do orçamento continua na pauta: Em 26/06/2006, o *Estado de S. Paulo* também aborda o aumento dos gastos. A reportagem “Pan-2007 vai a R\$ 3 bilhões” detalha o orçamento apresentado pelo Comitê Organizador e já apontam que “Valor já é quatro vezes maior que a previsão inicial de R\$ 720 milhões e pode aumentar ainda mais”. Fora isso, com o encarecimento do projeto, uma parte das ações sociais foram revistas e algumas adiadas, sob o argumento de que não eram fundamentais para o evento, como o caso das obras do metrô, já citado aqui. A outra perda foi a do projeto de despoluição da Baía da Guanabara.

A *Revista Veja*, de 02/08/2006, traz: “Lixo na Rota do Pan – Poluição da Baía da Guanabara vai prejudicar competições náuticas nos Jogos do Rio 2007”, o aspecto ambiental começa a ser pautado como exemplo negativo do evento. Em outro artigo, voltado para a análise da cobertura do Rio 2007 seis meses antes do início da competição, já constatamos que, na *Folha de S.Paulo*, ao longo do mês de janeiro daquele ano, de um total de 16 reportagens publicadas, 14 tiveram os aspectos de organização e negócios do evento como ponto central (GURGEL, 2007: 76-7). A cobertura, que cobre o mês todo, aborda temas variados como segurança pública, legado, e negócios da iniciativa privada.

---

<sup>7</sup> Carlos Arthur Nuzman foi o presidente do Comitê Pan-americano do Rio 2007





Quanto mais perto do evento, mais reportagens. Em 21/02/2007 na revista *Carta Capital*, novamente uma pauta criticando a organização do evento. A publicação fez uma reportagem de capa com o título: “Pan, que desperdício!”. Entre outros pontos, o texto discutia as falhas na área ambiental, um dos pontos prometidos quando do início do projeto. Já a *Folha* pauta sua cobertura no acompanhamento dos gastos da organização. Em 07/03/2007, outra reportagem aponta que “Gasto público com o Pan aumenta 684% em 5 anos”. Na explicação da chamada, o jornal diz que “orçado em R\$ 409 milhões em 2002, o evento já tira R\$ 3,2 bi dos cofres oficiais”.

Em maio daquele ano, a Revista *Ocas*, uma publicação produzida pela Ong Organização Civil de Ação Social, que trabalha com população de rua, destacou em sua capa o Rio 2007. “Por trás do Pan”, título dado ao trabalho mostra dois lados do evento: “Rio capacita jovens pobres para trabalhar durante os jogos, mas 542 famílias lutam contra a desapropriação enquanto assistem à construção de um condomínio de luxo (a sede da Vila Pan-americana)”. Mantendo a contraposição, a revista fala de “Pan que inclui” e “Pan que exclui”.

Outro tema muito abordado e bastante destacado pelos jornais cariocas é a questão da segurança. Em 16/06/07, *O Globo* estampou na sua capa uma foto com a chamada “Favela Olímpica”. Nessa foto, mostra-se que a Favela do Anil estava separada da Vila Pan-americana somente por um “canal poluído de esgoto”. A reportagem crava: “A poluição no território do Pan”. Segundo a linha fina do texto, os jogos teriam de conviver lado a lado com o meio ambiente degradado. A reportagem questiona o legado que o evento deixaria nesse quesito e também lembra que a cidade perdeu o direito a ser sede das Olimpíadas de 2004 por falta de clareza nesse item. Em 22/06/07, o mesmo jornal fala: “Supertropa de Elite já está de prontidão para o Pan”.

Já o *Diário Lance!*, por meio da sua revista semanal, a *Lance A+*, em 16/06/07, fala dos negócios do Pan. Com o título perguntando “realidade?”, o texto discute: “com a proximidade do Pan, empresas privadas apóiam cada vez mais o esporte brasileiro. Depois dos jogos, porém o futuro não está garantido”. Ao longo do texto, são mostrados casos de patrocínios obtidos para o atletismo, ginástica, judô e outras modalidades e a realidade desses esportes na entressafra de grandes eventos esportivo.

Apesar das constantes críticas, com aproximação do evento e inauguração das arenas, começam a surgir pautas que diluem as críticas com alguns elogios às obras construídas. Em 24/06/07, o *Estado* abre uma página do Caderno de Esportes para mostrar os espaços construídos para o evento. O título “Jóias do Pan (Belas e Caras)” dá



o tom da reportagem que apresenta o Parque Aquático Maria Lenk (a reportagem enfatiza que custou R\$ 74,8 milhões). Ainda destaca o Estádio João Havelange, o Engenhão, frisando os gastos de R\$ 400 mi e o velódromo (mais R\$ 12 mi). O texto termina pontuando também a Arena Multiuso, “tesouro” que levou outros R\$ 220 mi.

Em 05/07/07, o *Jornal do Brasil* trazia na sua capa uma ironia. Com o título de “atrasado até no relógio”, o jornal trazia o texto de denúncia que afirmava que até o relógio oficial do evento, colocado na Praia de Copacabana, estava contando a data errada, visto que marcava, naquele dia que faltavam 10 dias quando na verdade faltavam oito dias para o início do evento.

### **3. Textos durante o evento: razão e emoção**

Em 13/07/07, dia de início dos Jogos Rio 2007, a *Gazeta Mercantil* trouxe uma reportagem de destaque com uma pergunta: “Qual será o legado do Pan?”. A reportagem se propôs a ouvir vários especialistas para estudar o tema e discutir a relação da herança do evento na relação com os gastos realizados. Elogios às obras e às possibilidades para o esporte dividem espaço com críticas à organização.

Enquanto isso, os jornais cariocas, colocam “um tom acima” na euforia na comparação com São Paulo. Já em ritmo de disputas, em 14/07, *O Globo* traz na sua capa: “Emoção, carnaval e vaias na festa do Pan”. A chamada de capa destaca que Lula foi vaiado cinco vezes na cerimônia e pela primeira vez na história dos Jogos presidente do País não faz a abertura oficial”. No dia seguinte, o mesmo jornal crava: “PIB do Pan chega a R\$ 5,7 bilhões”. Na reportagem de destaque no caderno especial, o valor é considerado “impressionante” e é comparado com o PIB de duas cidades cariocas, São Gonçalo, que movimentou naquele período R\$ 5,2 bilhões e Niterói, R\$ 5,8 bilhões.

Em 09 de julho, a *Revista Época*, no seu “Guia do Pan”, também investe em colocar os atletas de destaque e com grandes chances de medalhe em superproduções fotografias, associadas a perfis dos mesmos. Na reportagem principal, a revista faz um retrato da preparação dos jogos e dos locais preparados para o evento. O tom é dado pelo título: “Uma chance para o Rio”. A reportagem defende a sua tese na linha-fina: “Num ano marcado pela violência, os Jogos Pan-americanos são uma ocasião ideal para a cidade mostrar o seu lado mais generoso e acolhedor”. A reportagem evita críticas a gestão, dando um tom mais oficial ao seu encarte. Como pode ser visto no trecho: O Pan serviu como uma boa oportunidade para que as autoridades do país do futebol





finalmente investissem nos esportes olímpicos. O primeiro passo foi a Lei 10.624, de 2001 (...)

Com a chegada da época do evento, o tema torna-se majoritário<sup>8</sup>. Até mesmo a Revista *Superinteressante* de julho daquele ano, na seção “Super-respostas”, a pergunta feita era: “Vale a pena ser sede de um Pan?” Para responder a essa pergunta a revista buscou especialistas, um paulista, ligado ao evento, e outro carioca, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. O primeiro, segundo a reportagem foi contratado pelo governo para analisar o impacto econômico e social do evento, defendeu que o “balanço final do Pan será positivo”. Já o segundo, apesar de carioca, foi mais crítico e disse que o Pan “virou uma grande oportunidade de negócios com farto subsídio público para empresas em detrimento dos interesses da cidade”.

Para a Revista *Veja*, que fez o *Veja Rio Especial – Guia do Pan*, em julho de 2007, “Polêmico desde o início em função de seus gastos e do atraso nas obras, o Pan será sem dúvida uma oportunidade e tanto para o Brasil exibir sua capacidade de organizar um evento desse porte e mostrar se tem condições de sediar, futuramente, uma edição dos Jogos Olímpicos e uma nova Copa do Mundo”. Em 18/07/07, em reportagem de duas páginas falando do evento, o título foi “Suspense durou até o final” e dizia que “depois de muita trapalhada” finalmente tinha começado o evento. Após fazer uma colagem sobre vários fatos importantes para a organização do evento e da preparação dos atletas, a reportagem termina dizendo que o que está em jogo é “mostrar que o Brasil tem condições de organizar um grande evento esportivo”.

Em 27/07/07, o *Estado* falava no Caderno Pan 2007, que “Brasil é um sucesso no Pan, mas resultados não permitem sonhar tão alto na Olimpíada de Pequim. A chamada da reportagem é dura: “A falsa realidade das medalhas” e é completada com uma foto do atleta Thiago Pereira, que foi um dos sucesso do evento, com medalha de ouro em seis provas. O texto cita o próprio atleta falando que na Olimpíada “não será fácil”. Em 29/07/07, o *Jornal do Brasil* questiona que os “Jogos chegam ao fim com muito a explicar”. Para esse jornal, parlamentares querem abrir CPI para investigar os

---

<sup>8</sup>Um fato importante e trágico marcou o começo do evento: o acidente com o Avião da Empresa Aérea TAM, logo na primeira semana das competições, precisamente no dia 17 de julho, gerou comoção e muitas reportagens falando da dor e das homenagens dos atletas às vítimas e familiares. Fato totalmente à parte da cobertura, cruzou-se com ela, na consternação pública exposta em muitas reportagens com atletas e torcedores e também na explicação do caos aéreo, que também prejudicava a chegada e saída de atletas do Rio de Janeiro.



gasto de R\$ 3,7 bilhões. O jornal destaca em suas páginas que o “orçamento do Pan ficou quase 800% mais caro do que o previsto há cinco anos”.

#### **4. Reportagens pós-evento: balanço e projeções para o futuro**

Com o fim do evento, praticamente todos os veículos de comunicação fizeram seus balanços, destacando os resultados esportivos, as medalhas conquistadas. Alguns deram ênfase, ainda, para a organização do evento e o legado para a Cidade do Rio de Janeiro e para o esporte nacional. *O Estado*, de 30/07/2007, por exemplo, comenta na reportagem “Olimpíada, sonho ainda distante” que “observadores aprovam a experiência do Rio na organização do Pan, mas admitem que há muito que fazer para a cidade vencer a corrida na disputa para os Jogos Olímpicos de 2016”.

O texto fala dos problemas da organização, em alimentação e venda de ingressos, por exemplo. E, de maneira geral, diz que transporte e poluição são obstáculos para a cidade nas suas pretensões olímpicas. A sede dos jogos de beisebol e softball, montada provisoriamente na Cidade do Rock, é ilustrada como anti-exemplo onde “deu tudo errado”, com problemas na iluminação, no placar e a lama que tomou conta do local com as chuvas da época. No mesmo dia, a *Folha* do também discute o assunto, em termos parecidos, na reportagem intitulada “Acorda”.

Da parte dos cariocas, na mesma data, o *Jornal do Brasil* crava, em manchete principal: “O Melhor Pan da história”. A argumentação da reportagem é o resultado final dos atletas que conquistaram 161 medalhas, sendo 54 de ouro, o que deixou o país em terceiro lugar no ranking. Mas a própria diagramação da capa do jornal faz uma contraposição. A segunda chamada da capa é “Mas no dia seguinte...” E depois dela vem um conjunto de três pequenas notícias da área de cidades, abordando: a redução do número de PMs na rua, após o fim do evento. Outra chamada é sobre denúncia sobre a venda de fardas da Força Nacional de Segurança e também o fato de que a “Prefeitura busca competições”, para que as arenas construídas para os Jogos não fiquem ociosas. *O Globo* destaca em manchete a seguinte frase: “Cumprimos nossos objetivos”, frase que foi proferida por Nuzman durante a cerimônia de encerramento do evento.

A *Revista Época*, também de 30/07/07, trouxe em destaque a reportagem: “Por que o Pan deu certo”. Na linha fina, o texto reforçava: “Com belos estádios, disputas emocionantes e público vibrante, os Jogos empolgaram o País. O sucesso aumenta a chance de o Brasil sediar as Olimpíadas em 2016”. Os problemas de organização, nessa reportagem são minimizados e, com reportagens como essa, o Pan 2007 passa a ser o



balizador do sonho do Rio de Janeiro sediar os Jogos Olímpicos. O texto fala que os fantasmas das obras atrasadas não afetaram o evento e que “pequenas falhas” – como os problemas na arena de beisebol “não ofuscaram o brilho dos atletas, a emoção das competições e um clima de paz e confraternização que durou duas semanas”.

No fim do evento, em 31/07, o *Jornal do Brasil* discutia a Segurança do Rio pós-Pan: “Autoridades garantem paz pós-Pan”. Segundo o diário, homens da Força de Paz e 75% da aparelhagem usada nos Jogos permanecem na cidade. Em 04/08/07, a *Revista A+* se propõe a discutir o que fazer com o legado físico das arenas construídas para o Pan, assunto que estava em grande discussão naquele momento. A revista aponta: “Elefante Azul – O Pan acabou e o Rio agora tem a oportunidade de transformar o Engenhão na arena mais moderna do Brasil”.

Para a *Revista A+*, “o sucesso dos Jogos Pan-americanos deu aos brasileiros o gostinho de organizar um grande evento esportivo. E serviu como aperitivo para um país que sonha em dose dupla: candidato único à sede da Copa de 2014 e otimista com as chances de sediar a Olimpíada de 2016”. A reportagem, ainda no lide acrescenta: “Antes disso tudo, porém, o país tem um desafio: aprender a administrar a infraestrutura criada por eventos desse porte”. E, a partir daí, o texto vai comparando as arenas pan-americanas experiências de gestão desse tipo de locais no exterior, principalmente Europa e Estados Unidos.

Em 05/08/07, O *Globo* traz um balanço do Rio 2007. Para o jornal, o evento foi “Bom, bonito, caro e insuficiente”. A explicação para o título vem na linha fina que diz que “Governos gastas mais de R\$ 1 bi em estádios e ginásios, mas COI exige mais. O texto se divide entre olhar um futuro próximo, na gestão desses espaços construídos, como a Arena Multiuso e o Engenhão, e um futuro distante, na perspectiva de como esses locais devem ser geridos e ampliados para uma possível Olimpíada de 2016 na capital fluminense.

Em 17/09/2007, a *Folha de S.Paulo* destaca o relatório do COB que será apresentado ao COI para defender a candidatura do Rio à sede das Olimpíadas; “Rio-16 propõe assumir abismo social”. Segundo o jornal, “Prefeitura elabora relatório sugerindo candidatura para agradar aos votantes do COI e até admitir a miséria da cidade”. No texto, é enfatizado: “Aproveitar as belezas naturais, o sucesso do Pan e o povo acolhedor. Esses são três pontos sugeridos por um relatório (...) além das obviedades, o documento traz um aspecto que sempre foi posto à margem pelos

organizadores das postulações. ‘Assumir as desigualdades sociais (...) demonstrando as ações reais de mitigação dessa realidade’, diz um trecho”.

A *Revista A+*, em 22/10/2007, traz na sua capa: “2016 no horizonte – Rio sonha com Jogos Olímpicos de 2016, mas ainda tem muitas barreiras a remover para ser aceito como candidato”. Aproveitando-se do espectro do evento e da coincidência de que a divulgação das cidades candidatas à sede dos Jogos de 2016 havia sido divulgado no começo do Pan 2007, a reportagem faz um diálogo entre os dois fatos e indica na chamada: “Vôo de confiança – Preparando sua terceira candidatura a sede, o Rio agora tem a experiência do Pan. Mas ainda precisa provar que é capaz de fazer mais”.

Mesmo com o distanciamento temporal do assunto Rio 2007, os jornais ainda mantiveram eventual acompanhamento do assunto. Dentro disso, dois momentos são importantes: um deles é a confirmação do Brasil como sede da Copa do Mundo de 2014. Uma data importante na inserção do Brasil dentro do contexto dos megaeventos esportivos ocorreu no dia 31/10/2007. Neste dia, o País foi oficializado pela Fifa como sede da Copa do Mundo de Futebol de 2014. O resultado foi comemorado entusiasmamente pelos jornais, mas sempre com ressalvas.

Em *O Globo*, por exemplo: “A Copa é nossa – Agora, só faltam os aeroportos, as rodovias, os trens, os metrô, os estádios. E Pelé”. A referência ao maior jogador de futebol de todos os tempos deve-se à ausência dele na cerimônia de oficialização brasileira, por motivos políticos de divergência com a CBF. Em destaque, em um caderno especial, o jornal afirma que “Mundial vai custar, no mínimo, US\$ 6 bilhões”. Na *Folha*, o destaque foi para o impacto político do evento: “Nacionalismo marca volta da Copa ao País após 57 anos”. A carência de infra-estrutura volta à cena, mas sob aspectos nacionais, visto que o Mundial de Futebol atinge a dezenas de cidade de um único País.

No *Estado*, um caderno especial traz de maneira mais direta as perspectivas para o evento: “Estimativa de receita: US\$ 10 bi – Economistas internacionais dizem que Mundial será benéfico ao País”. Na mesma página, um pequeno artigo do ministro do Esporte, Orlando Silva Jr, faz uma rápida relação da Copa com o Pan: “A Copa no Brasil serve ao esforço de incluir o País no circuito político internacional. O sucesso dos Jogos Pan-americanos e Parapan-americanos do Rio de Janeiro nos deu visibilidade e credibilidade”.

Em 13/12/2007, a *Folha* fala de “obstáculo olímpico”: “Copa-2014 é entrave para Rio-2016. Mas na reportagem é feita a previsão de que a cidade passaria para a

fase final da escolha em julho de 2008. Mas o foco na questão olímpica não faz com que o Pan seja totalmente esquecido. Em 20/01/08, por exemplo, o mesmo jornal destaca: “Arenas jazem seis meses após o Pan”. O texto denuncia que “locais usados durante os Jogos do Rio não possuem programas esportivos, sofrem com falta de atletas e têm rotina ociosa”. Ao longo da reportagem, é lembrado o pouco uso das arenas construídas para o evento, como o Complexo Esportivo de Deodoro: “é um retrato desolador do fim dos Jogos. Principais obras do complexo, os centros de tiro esportivo e de hipismo estavam desertos (nos dias de apuração jornalística)”.

Em 20/02/08, ainda, a *Folha* comenta, analisando a candidatura do Rio de Janeiro para sede dos Jogos Olímpicos de 2016: “Legado do Pan-07 pouco reduz custos para Rio-16”. O jornal defende que “mesmo com sedes feitas, novo projeto olímpico é só 23% menos custoso que o de 2012”. O texto acrescenta ainda que “todos os equipamentos construídos para o evento (... o Pan) terão de passar por reformas, ainda mais caras”. Mesmo assim, menos de um mês depois, em 18/03/08, o mesmo jornal traz, na capa do seu caderno de esportes, uma reportagem que foi taxada de “ambição”, no destaque: “Brasil acha que pode ser top em 2016”.

O texto explica que o “Plano do governo capitaliza esporte escolar e espera país entre os 10 melhores na Olimpíada em oito anos”. Para o jornal, o governo, que é o maior mecenas do esporte nacional, estava contrariando o COB, que não gosta de fazer projeções específicas, mas que fontes do Ministério do Esporte estavam otimistas com o crescimento da participação do Brasil, em medalhas já em Pequim-2008, com perspectivas de estar entre as maiores nações esportivas, oito anos à frente.

Outro momento importante para entender a construção do legado a partir da cobertura do Rio 2007 acontece, quase um ano após a realização do evento. Em 29/05/2008, o *Estado* relembra o Pan para falar das expectativas brasileiras de o Rio de Janeiro ser uma das cidades classificadas para a fase final de escolha da sede para as Olimpíadas de 2016. A chamada “Governo e COB têm cifras diferentes – Candidatura custa R\$ 100 mi, diz; entidade fala em R\$ 70 mi” parece retomar às primeiras reportagens sobre o Pan, ilustrando que, ainda sobre o aspecto orçamentário, os grupos participantes do Comitê Organizador não se entendem. O texto cita: “Isso (a contradição orçamentária) num momento em que as contas dos Jogos Pan-americanos, também realizados no Rio, em 2007, ainda nem foram aprovadas pelo Tribunal de Contas da União (TCU), mas relatórios apontam diversas irregularidades”.



Em 04/06/2008, a *Folha* lembra: “Rio aposta em Pan, PAC e pesquisa por Jogos-16”. O jornal ainda acrescenta que, “segundo o COB e governo, cidade mostrou que pode organizar grandes eventos”. A reportagem cita fala do ministro do esporte na ocasião, Orlando Silva Jr: “Com o Pan, isso (a dúvida sobre a capacidade) foi superado” e mais: “Falar ‘posso organizar uma Olimpíada’ é uma coisa, mostrar com a organização do Pan que temos condições de fazê-lo é outra. Dizer que ‘podemos garantir a segurança’ é uma coisa, mostrar isso no Pan é outra”.

No mesmo dia, o Estado indicava: “COI deve pôr Rio entre finalistas”. Os argumentos apresentados por esse jornal são semelhantes, na defesa da experiência com o evento pan-americano. O diferencial deste texto é lembrar que pesa contra a candidatura carioca a escolha do Brasil para organizar a Copa do Mundo de 2014. “É vista por alguns como um obstáculo. Mas o próprio presidente do COI já deixou claro que a Copa não terá influência no processo de escolha”. Por fim, o jornal indica que, “na Bolsa de Apostas na Europa, o Rio é forte candidato e supera as previsões para Madri e Tóquio. Só é batido por Chicago”. No dia seguinte, 05/06/2008, a *Folha* traz na capa: “Rio é um dos finalistas na escolha da sede da Olimpíada de 2016”.

## **5. Considerações Finais**

A análise da cobertura dos Jogos Pan-americanos na mídia é tarefa árdua, proporcional ao tamanho do evento. O que pretendemos aqui foi trabalhar um recorte da questão, analisando a produção de sentido dos jornais e revistas sobre o evento, no que se refere à economia do esporte e o conceito de legado. Neste trabalho, optamos por uma leitura panorâmica sobre essa cobertura, a partir de um amplo escopo tirado de jornais e revistas do ano de 2002 até meados de 2008, destacando trechos que ilustram o Pan como megaevento e também o Pan como referência na cobertura de outros megaeventos, como a Copa de 2014 e a Olimpíada de 2016. Não ignoramos que o melhor aproveitamento desse conjunto exige uma análise mais crítica, utilizando as ferramentas aqui citadas no item 1, o que precisa ser feito posteriormente.

De primeira reflexão, já detectamos que, antes do evento, aspectos da organização do Rio 2007 deram o tom da cobertura geral, migrando da euforia com a conquista do direito de ser sede até a preocupação com os problemas na organização e riscos de atrasos. Ao longo do evento, as reportagens sobre a organização do evento, os gastos, riscos e problemas não sumiram da mídia, acabavam mesclando com a divulgação e análise dos resultados esportivos. Durante o evento, a mídia esportiva





deixou-se tomar pelo ufanismo típico desse tipo de cobertura, alardeando os resultados. Contudo, o formato desse tipo de alarde varia em função do perfil de cada veículo, para além de uma leitura de bairrismos na mídia impressa. Mesmo sobre a discussão sobre o Legado do Pan, ao fim, os veículos de mídia fizeram balanços críticos, mas sem grandes diferenças, como já vimos.

Por fim, é inegável que mídia impressa, no seu papel de esboço da história e de “mídia que reflete as demais mídias”, parece finalmente ter acordado para inevitável realidade surgida nos megaeventos esportivos e de entretenimento, que contam com altos investimentos, interesses políticos e de marketing associados. Já há um compromisso agendado, com a Copa de 2014 no Brasil. Ainda no cenário futuro há chances de o Rio de Janeiro ser a sede de uma Olimpíada, talvez já a de 2016. Como ilustramos com alguns textos exemplares, o Rio 2007 está na base das construções de sentido que terão esses eventos. De certa forma podemos dizer que a cobertura de megaeventos no Brasil terá sempre por base essa primeira experiência, realizada sob a bandeira do esporte pan-americano.

## 6. Referências Bibliográficas

GURGEL, A. *Futebol S/A: A Economia em Campo*. São Paulo: Editora Saraiva, 2006.

\_\_\_\_\_. “Os Jogos Pan-americanos na Mídia Impressa: Breve Análise da Cobertura Econômica do Rio 2007”. In: MARQUES, J. C. *Comunicação e Esporte – Diálogos Possíveis*. Coleção NPs # 7 – Intercom. São Paulo: Artcolor, 2007.

HEINEMANN, K. “La Repercusión Económica del Deporte: Marco Teórico y Problemas Prácticos.” In: *Revista Digital EFDeportes*, Ano 7, nº 43. Buenos Aires, Dezembro de 2001. Na internet: <http://www.efdeportes.com/efd43/econom.htm>. Acessado dia 30/05/08, às 23h30.

LANDOWSKI, Eric. *A Sociedade Refletida*. São Paulo: Educ e Pontes, 1992.

POYNTER, G. “Estudos Urbanos – De Beijing a Bow Bells”. Texto do London East Research Institute cedido ao *Seminário de Megaeventos e Legado Rio de Janeiro*, maio de 2008. In: Confederação Federal de Educação Física, 2006. Acessado dia 30/05/08, às 23h30. In: [http://www.confef.org.br/arquivos/texto\\_introducao\\_seminario\\_megaeventos.pdf](http://www.confef.org.br/arquivos/texto_introducao_seminario_megaeventos.pdf).

**Jornais consultados:** Folha de S.Paulo; O Estado de S. Paulo; O Globo; Jornal do Brasil; Diário Lance!; Gazeta Mercantil. **Revistas consultadas:** Revista Lance! A+ (do Diário Lance!); Veja; Carta Capital; Época; Superinteressante; Ocas.